

SALVADOR NOS ANOS 50 E 60: ENCONTROS E DESENCONTROS COM A CULTURA¹

Antonio Albino Canelas Rubim*
Simone Coutinho**
Paulo Henrique Ancântara***

RESUMO

O texto é uma aproximação primeira ao estudo dos enlaces existentes entre cidade e cultura, na Salvador dos anos 50/60. Tal estudo é parte de uma pesquisa mais extensa intitulada *Comunicação e Cultura na Bahia dos Anos 50/60* e financiada pelo CNPq. Pretende, em sucessivas aproximações, compreender no tempo as intrincadas teias espaciais que transpassam e relacionam cidade e cultura, em especial no caso de Salvador.

Deve haver uma espécie de devoção, no confronto do homem com o seu passado, através dos livros, dos quadros, do filmes, dos sítios que foram marcos de sua formação cultural. Há um rito a observar, um ato de confiança e esperança na permanência do ser, mesmo contra as evidências da decomposição. A vida torna a palpitar sob as ruínas que se acumularam em torno de nós e em nós mesmos. Mas isto só é possível se renunciarmos à ironia diante das coisas pretéritas, se as aceitarmos como coisas incorporadas a um conjunto sem fim, dentro do qual a dimensão humana, entre mudanças contínuas, permanece inalterável.

Carlos Drummond de Andrade - *Os Dias Lindos*

*Bonde da Trilhos Urbanos
Vão passando os anos
E eu não te perdi
Meu trabalho é te traduzir.*

Caetano Veloso - *Trilhos Urbanos*

Uma pessoa que visitasse Salvador no início dos anos 40 e retornasse no final dos anos 50 iria se surpreender. Andar a pé pelo centro da cidade - constituído pela Praça da Sé, Rua da Misericórdia e Rua Chile, com extensão por São Bento e São Pedro - poderia transformar-se numa experiência bastante distinta daquela inicial, quando a velha São Salvador ainda conservava características típicas de uma cidade provinciana.

A partir dos anos 50, esta realidade começa a mudar de forma acentuada com o aumento vertiginoso da população (de 290 mil habitantes, em 40, para 417 mil, em 50), o crescimento da economia, a expansão urbana e a modificação da vida cultural. Alterações urbanísticas e arquitetônicas dão um novo perfil ao centro de Salvador, local de trabalho de

* Professor da Faculdade de Comunicação da UFBA.

** Aluno do Curso de Comunicação da UFBA.

*** Aluno do Curso de Comunicação da UFBA.

boa parte da população, que passa a dispor de novos serviços, espaços de lazer e de cultura.

O melhor tempo esconde

Longe, muito longe

Mas bem dentro aqui

Quando o bonde dava a volta ali.

Caetano Veloso - *Trilhos Urbanos*

Até os anos 50, o centro da cidade abrigava quase toda a atividade comercial de Salvador, existindo localizações específicas para os diversos tipos de negócios. O comércio varejista de artigos mais sofisticados estava instalado nas principais ruas da Cidade Alta - Misericórdia, Ajuda, Carlos Gomes, Avenida Sete, uma espécie de "vitrine" da cidade e ponto alto deste tipo de comércio. Na Baixa dos Sapateiros, Rua Dr. J.J. Seabra, principal via de tráfego para os bairros mais populares, exercia-se um comércio mais popular.

O comércio de rua era realizado por camelôs, vendedores ambulantes e em feiras livres, como a famosa feira de Água de Meninos. Mais de 80% do total do comércio desenvolvido pelo estado com outras regiões do país e com o exterior estava ligado ao porto, localizado na Cidade Baixa e terceiro do país em movimento. Além disso, o transporte marítimo era também o grande responsável pelo turismo existente e o melhor meio de acesso para se chegar à cidade.

Salvador tinha uma vida tão pacata nessa época que nem sequer exigia sinaleiras pela ruas, existindo apenas uma na Praça Castro Alves, um dos trechos mais movimentados. As principais ruas, a exemplo da Avenida Sete, funcionavam como mão e contramão, separadas por postes de meio de rua. Além dos poucos carros particulares, circulavam, em número reduzido, os ônibus, que tinham seu único terminal na Praça da Sé. Os bondes, desaparecidos na década de 60, representavam o principal meio de transporte da cidade, interligando o centro com quase todos os bairros e servindo para cobrir trajetos considerados distantes, como entre São Pedro e Barris.

Ao longo da Avenida Sete, no Campo Grande, Canela, Graça e Nazaré moravam as famílias mais ricas de Salvador, enquanto que as de classe média residiam principalmente em Amaralina, Rio Vermelho, Tororó, Santo Antonio, Saúde, Lapinha, Brotas, Barbalho, Quintas, Soledade, Calçada, Roma e Itapagipe. A população pobre concentrava-se na Liberdade, Baixa dos Sapateiros, Federação e na parte baixa do Rio Vermelho (atual Vasco da Gama). Rio Vermelho e Barra serviam igualmente como locais de veraneio. Os bairros eram bastante homogêneos na sua configuração urbana e arquitetônica, prevalecendo construções de estilo clássico e colonial.

1. BOEMIA E VIDA CULTURAL COMEÇAM A AGITAR O CENTRO

A Rua Chile servia como palco de inúmeras e variadas manifestações da vida urbana de Salvador. Namorar no ponto da Sloper, bater papo no Café das Meninas ou visitar a escada rolante da loja Duas Américas, inaugurada em 1958 e única da cidade, faziam parte dos programas de lazer da época. As pastelarias finas Peres, Alameda e Triunfo - destruída por um incêndio em 1963 - e as casas de chá A Baiana e Duas Américas, localizadas no centro, eram bastante freqüentadas. A sorveteria Cubana, por sua localização privilegiada, ponto de passagem obrigatório para as pessoas que utilizavam o Elevador Lacerda, recebeu muitos nomes da intelectualidade baiana, constituindo-se um *must* da época.

À meia-noite a sorveteria fechava, e então se esticava até o Cabaré Tabaris. O restaurante e bar Cacique, na Praça Castro Alves, era outro ponto de encontro, no qual gostavam de se reunir jornalistas e cinéfilos do Clube do Cinema da Bahia. Além destes locais, havia também a Gruta de Lurdes, mais conhecida como Café de Bernadete. Ao seu lado ficava a Livraria Civilização Brasileira, onde, entre um cafezinho e outro, intelectuais discutiam e compravam livros.

A configuração e as dimensões da cidade favoreceram bastante a interpenetração entre vida cultural e boemia. Vida noturna e vida intelectual pareciam caminhar unidas. Pelo menos, era isto o que acontecia na boate, bar e restaurante Anjo Azul, na Rua do Cabeça, inaugurada em 1949, que servia também como livraria e local de exposições. Por lá passaram pessoas famosas, como Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir.

A boate reunia os integrantes da geração de *Cadernos da Bahia*, composta por artistas plásticos, músicos e literatos. Essa geração talvez tenha sido o marco fundador de toda a movimentação cultural que se realiza nas décadas de 50 e 60. Por não encontrarem espaço na imprensa local, envolta no academicismo e no tradicionalismo, eles criam, em 1949, a revista cultural *Cadernos da Bahia*. Além de editar a revista, o grupo promovia conferências, exposições, edições de livros, concertos e leilões de quadros. O movimento tinha como integrantes Vasconcelos Maia, Wilson Rocha, Pedro Moacir Maia, Walter da Silveira, Mário Cravo, Carlos Bastos e outros.

*Só quem tinha geladeira era petroleiro
Aí o peão virou burguês
Até pensou que fosse um rei.*

Gerônimo - *Abafabanca*

A descoberta de petróleo em solo baiano e o desenvolvimento da economia agrícola no sul do estado com o cultivo do cacau parecem ter sido os principais fatores responsáveis pelas modificações desencadeadas na velha São Salvador. Depois de um longo período de estagnação, a partir de 50, a economia baiana retoma o seu impulso, uma vez que a Bahia torna-se o primeiro estado brasileiro a produzir petróleo. A Refinaria Landulfo Alves é instalada no município de Mataripe, e durante praticamente três décadas a Bahia será o único produtor nacional de petróleo, chegando a produzir 25% da demanda nacional. O volume de investimentos e salários *"concentrará a renda em Salvador quase como em nenhuma outra parte do Brasil"*².

Mudanças significativas, portanto, acontecem na estrutura produtiva e ocupacional de Salvador, com inúmeras atividades antes inexistentes ou insignificantes passando a fazer parte ativa da vida econômica da cidade. Se, por um lado, essas transformações permitiram um aumento significativo da renda gerada internamente, por outro, ampliaram os estratos inseridos estavelmente no mercado de trabalho local. Expandiram-se as camadas de renda média e alta da população que desenvolviam atividades assalariadas nos setores mais dinâmicos da economia.

O aumento do poder aquisitivo de determinadas camadas sociais e o crescimento populacional acentuado - muitos habitantes provêm do interior do estado, atingido nesses anos por fortes secas - provocam, por sua vez, uma alta demanda imobiliária, agitando o mercado da construção e a arquitetura baiana. Por outro lado, a pressão populacional sobre as áreas centrais e sobre os bairros já constituídos de Salvador terminou por empurrar uma parcela da população, seus setores mais pobres, para as áreas então periféricas da cidade, enquanto as regiões com melhor infra-estrutura urbana passaram a ser ocupadas pelas

camadas privilegiadas. Aos mais pobres, restou a opção da periferia e das invasões, surgidas a partir dos anos 40³.

As invasões têm grande importância do ponto de vista da própria urbanização de Salvador. Elas funcionam como um elemento de pressão no sentido de atrair a instalação ou forçar a extensão da rede de infra-estrutura urbana existente. Novos bairros surgem, e com eles ruas são pavimentadas ou mesmo abertas, novas linhas de transportes coletivos são instaladas, novos serviços, enfim, são colocados, ainda que precariamente, à disposição daquela população que forçou a incorporação destes espaços à cidade. Inicia-se, deste modo, a era marcada pela crescente e incontida expansão horizontal de Salvador, com acentuado crescimento da periferia urbana.

2. ANIMAÇÃO CULTURAL: MARCA DOS ANOS 50

A década de 50 parece trazer desde o seu início forte animação cultural. Já em 1946, havia sido criada a Universidade Federal da Bahia, agregando as escolas tradicionais existentes. Em 1950, de 17 a 21 de abril, é realizado em Salvador o III Congresso Brasileiro de Escritores. Com apoio do governo estadual, que cede as instalações, como o Cineteatro Guarani, encontram-se em Salvador escritores vindos de 12 estados e do Distrito Federal (Rio de Janeiro). Estão presentes no congresso, entre outros, Graciliano Ramos, Dionélio Machado, Rossine Camargo Guarnieri, Álvaro Moreyra, Edison Carneiro, Nelson Werneck Sodré, Astrogildo Pereira, Paschoal Leme, Abelardo da Hora e Lila Ripoll⁴.

No final da década de 40, o ensino público na Bahia ganha forte impulso graças à atuação de Anísio Teixeira como secretário de Educação e Cultura do governo Otávio Mangabeira. Dentre outras iniciativas pioneiras, Anísio Teixeira cria o Centro Educacional Carneiro Ribeiro, mais conhecido como Escola Parque, considerado modelo pedagógico. Além de estimular iniciativas culturais como o Clube do Cinema, ele cria no estado uma fundação para o desenvolvimento da ciência, uma das primeiras do Brasil.

Durante toda a década de 50, o Colégio Central (Colégio Estadual da Bahia) é exemplo de qualidade no ensino de primeiro e segundo graus, sendo disputado por estudantes de todas as classes sociais. No Colégio Central, por exemplo, entre diversas manifestações, aparece a jogralesca em meados dos anos 50. Ela consistia em espetáculos de poesia teatralizada, divulgando entre a juventude a moderna poesia brasileira e a literatura contemporânea, além de despertar em alguns o interesse pelo teatro.

A jogralesca também suscitou polêmicas. Quando Anecy Rocha, irmã de Glauber Rocha, declamou o poema *Blasfêmia*, de Cecília Meireles, a Congregação do Colégio manifestou-se contrária e censurou o espetáculo. Este período repercutiu nacionalmente, a ponto de o Teatro de Arena de São Paulo enviar uma carta de repúdio ao colégio, solidarizando-se com os jovens baianos.

O grupo criador da jogralesca também fundou a revista *Mapa*, cujo nome foi inspirado em poema de Murilo Mendes. Lançada em 57, a revista, apesar de ter durado apenas um ano, teve grande repercussão no meio intelectual da época. Patrocinada pela Associação Baiana dos Estudantes Secundaristas, dirigida por Fernando Peres e Glauber, tinha, entre seus colaboradores, o artista plástico Calazans Neto, os escritores Carlos Anísio Melhor, Sônia Coutinho, João Ubaldo Ribeiro, João Carlos Teixeira Gomes e, mais tarde, Florivaldo Mattos e Myriam Fraga.

Numa demonstração do ânimo da década, circulam revistas culturais como *Seiva* e *Angulus*. A revista *Angulus*, uma das mais importantes publicações da época, foi criada pelos

estudantes da Faculdade de Direito e continha artigos jurídicos, ensaios, contos, poemas, críticas e resenhas de livros e gravuras. Participaram de *Ângulos* João Eurico Matta, Nemésio Salles, Glauber Rocha, Muniz Sodré, Machado Neto, Geraldo Sarno, entre outros.

3. MODERNIDADE

A partir de 50, a paisagem urbana de Salvador modifica-se de forma acelerada. Já em 49, haviam surgido o Estádio da Fonte Nova e o Fórum Rui Barbosa. Em 50, o governador Otávio Mangabeira refaz a Avenida Oceânica, ligando o Farol da Barra ao Largo de Amaralina. Pela primeira vez, a orla de Salvador é aberta para uma expansão urbana, e, com isto, bairros como Rio Vermelho, Ondina, Amaralina e, principalmente, Barra começam a se desenvolver intensamente. Substituindo os velhos casarões das ruas Miguel Calmon, Conselheiro Dantas e Portugal, são construídos no Comércio arranha-céus para acolher os serviços públicos, os bancos, as companhias de seguros, as casas de importação e exportação e os escritórios das fábricas. Já na Cidade Alta, começam a aparecer novos edifícios de repartições públicas e de comércio que convivem com as casas mais antigas.

Os "novos ricos" (banqueiros, grandes exportadores e importadores, comerciantes e industriais) investem seu capital também na arquitetura. Residências e luxuosos prédios de apartamentos são construídos nos bairros ricos da Graça e Barra, demonstrando uma nova arquitetura mais linear, mais simples, com cores mais vivas e elementos que traduziam a velocidade do mundo industrial do pós-guerra, no qual se desejava viver.

Os anos 50 são marcados pela arquitetura funcionalista, caracterizada pelo uso de pilotis, dos colunelos de ferro, das marquises, combogós, lajes e terraços. O arquiteto Diógenes Rebouças aparece como grande expoente, responsável por várias obras, como o Edifício Otacílio Gualberto, de 50, no viaduto da Sé, além de inúmeras residências. É ele quem projeta em 49 o primeiro grande hotel de Salvador, o Hotel da Bahia, no Campo Grande.

Grandes obras arquitetônicas serão realizadas no final dessa década e início dos anos 60. Em 59, durante o governo de Antônio Balbino, é construído um dos marcos da modernidade em Salvador e da sua vida cultural, o Teatro Castro Alves, projetado por Bina Foniat. No ano seguinte, aparecem dois outros importantes edifícios - o da Petrobrás, localizado na Calçada, e o da Associação Baiana de Imprensa (ABI), situado na Praça da Sé. Outra obra significativa do final da década é a Rodovia BR-128, ligando Salvador a Feira de Santana.

4. CLUBE DO CINEMA: MARCO CULTURAL DE UMA ÉPOCA

Em 1950 é criado também um fundamental marco da cultura baiana: o Clube do Cinema da Bahia. Dirigido pelo advogado e crítico cinematográfico Walter da Silveira, o cineclubes tem sua primeira exibição realizada no auditório da Secretaria de Educação e Cultura, localizado no Corredor da Vitória, hoje Museu de Arte. Com menos de um ano de funcionamento, o CCB realiza um festival internacional com a participação de filmes de 12 países.

O CCB atravessou toda a década e tornou-se um dos cineclubes mais importantes do Brasil. Ele ajudou a formar toda uma geração de cinéfilos, exibindo filmes selecionados entre os mais significativos da cinematografia mundial, como as obras do cinema soviético (Eisenstein e outros), do neo-realismo italiano e da *nouvelle vague* francesa, trazendo a Salvador conferencistas como Alberto Cavalcanti, Vinícius de Moraes e Alex Vianny.

A importância do clube é marcante para o surgimento de uma produção cinematográfica baiana no final dos anos 50, e mesmo para o "cinema novo". Cria-se em Salvador a Iemanjá Filmes, cooperativa de cultura cinematográfica integrada por Glauber, Paulo Gil Soares e Fernando Rocha Peres, entre outros. Ela é a responsável pelo primeiro filme de Glauber, o experimental *O Pátio*.

Em 59, Roberto Pires produz *Redenção*, primeiro longa-metragem baiano. São realizados também *Barravento* e *A Grande Feira*, em 61, e *Tocaia no Asfalto*. Salvador torna-se um pólo de produção cinematográfica, fazendo surgir a figura do produtor, a exemplo de Rex Schindler e Braga Neto. A Bahia passa a atrair produções nacionais - *Bahia de Todos os Santos*, de Trigueirinho Neto, *Mandacaru Vermelho*, de Nelson Pereira dos Santos, e *O Pagador de Promessas*, de Anselmo Duarte - e até internacionais.

No final dos anos 50, Edgar Santos cria a Escola de Teatro, os Seminários de Música, que mais tarde dão origem à Escola de Música, e a Escola de Dança, primeira do Brasil em nível superior. Profissionais qualificados são trazidos para trabalhar e, por vezes, dirigir estas unidades. É o que acontece com Martim Gonçalves, diretor da Escola Teatro, criada em 59.

Paralelamente à criação da escola, surge o grupo teatral A Barca, responsável pela encenação de *A Ópera dos Três Tostões*, de Brecht, *Senhorita Júlia*, de Strindberg, e *Um Bonde Chamado Desejo*, de Tennessee Williams. No grupo aparecem Sônia dos Humildes, Harildo Deda, Nilda Spencer, Jurema Pena, João Gama e Geraldo Del Rey, também eles protagonistas dos filmes realizados na Bahia.

Para os Seminários de Música, vêm nomes como Ernst Widmer, Walter Smetak, Karlreuter e Manganni. Tanto a Escola de Teatro quanto a Escola de Música tornam-se referências respeitadas em todo o Brasil. A Escola de Belas-Artes, que existia desde o século XIX, também ganha novos ares. Com a chegada do professor João José Rescala, todo o acervo da pintura colonial baiana, arriscado a se perder, é restaurado.

O auditório da Reitoria da UFBA aparece como espaço de intensa movimentação e divulgação culturais. Conferências, debates, recitais, concertos, simpósios e o Colóquio Luso-Brasileiro, em 58, agitam a universidade. Edgar Santos, reitor da UFBA desde a sua criação até 61, pretendeu dar um perfil cultural e artístico para a universidade, o que lhe valeu algumas críticas. Em 1960, há uma enorme greve contra ele, pois, dentro do espírito "desenvolvimentista" da época, vários estudantes reivindicam o não-protetionismo à arte.

Para José Carlos Capinam, "a universidade era muito mais presente e mais agitada, constituindo-se num foco de inteligência e rebeldia"⁵. As ciências sociais desenvolvem-se tanto na UFBA, através da Faculdade de Filosofia, fundada em 41, quanto no Estado, com a Comissão de Planejamento Econômico (CPE), dirigida por Rômulo Almeida. Jornais de esquerda como *O Momento*, do PCB, *Sete Dias* e *Folha da Bahia* circulam no período discutindo política e cultura. Jornais como o *Diário de Notícias* e *Jornal da Bahia* dedicam amplos espaços para a cultura e produção dos jovens intelectuais baianos. Destacam-se em especial o suplemento dominical do *Diário*, dirigido por Glauber, no qual escreveram Carlos Nelson Coutinho e Caetano Veloso, entre outros.

A Livraria e Editora Progresso, criada nessa época, dirigida por Pinto Aguiar, foi até hoje a única editora baiana a ter vida regular e dimensão nacional, publicando textos de ciências sociais, filosofia, ensaios literários, romances, livros de poesia de autores nacionais e internacionais. Foram editados pela Progresso, por exemplo, *A Odisséia*, de Homero; *Os Sermões*, de Pe. Vieira; obras de Victor Hugo, Dostoiévski e Máximo Gorki. Inúmeros autores baianos tiveram seus trabalhos publicados pela editora, inclusive professores da UFBA, através de convênio existente com a universidade. Sem a amplitude e regularidade da

Progresso, existiam na Bahia pequenas e esporádicas editoras como a Macunaíma e a Dinamana.

5. ANOS 60: DESENVOLVIMENTO E EXPANSÃO DA CIDADE

No início dos anos 60, a movimentação cultural continua a acompanhar a evolução da cidade. O Clube do Cinema continua ativo, organiza-se a Associação dos Críticos Cinematográficos da Bahia, e filmes são realizados no estado. Em 1960, é fundado o Museu de Arte Moderna da Bahia, instalado inicialmente no *foyer* do Teatro Castro Alves e depois transferido para o Solar do Unhão.

Na Galeria Oxumaré, primeira galeria de arte, no Passeio Público, os *vernissages* aconteciam com freqüência. Sob a direção do poeta Carlos Eduardo da Rocha, a galeria foi importante espaço para a divulgação da arte contemporânea e criação de um mercado de arte na Bahia. Na Oxumaré, realizaram exposições Genaro de Carvalho, Sante Scaldaferrri, José Maria e Juarez Paraíso.

O Centro Popular de Cultura da UNE, o CPC, tem um ativo núcleo na Bahia e desenvolve atividades culturais engajadas. O grupo Teatro dos Novos, trazendo uma proposta de vanguarda, aparece em 64. Afinado com objetivos artísticos e culturais de outros núcleos experimentais fora da Bahia, o grupo também demonstra preocupação com a cultura regional nordestina. Conseqüência imediata do trabalho do grupo é a construção do Teatro Vila Velha. Este espaço cultural permite o desenvolvimento do teatro livre da Bahia, onde despontam João Augusto, Sônia dos Humildes, Harildo Deda e Bemvindo Siqueira.

Se nos anos 50 a Bahia e Salvador cresceram principalmente devido à presença da Petrobrás, nos anos 60, será a criação do Centro Industrial de Aratu (CIA) um novo impulso para o desenvolvimento. É na década de 60 que se inicia a fase de industrialização do Nordeste, compreendendo a Bahia, sob os incentivos fiscais da SUDENE. Em alguns ramos industriais como metalurgia, extração de minerais, mecânica, borracha e química, o Estado da Bahia absorveu mais da metade de todos os investimentos industriais realizados no Nordeste nos anos 60. No final dessa década, inicia-se a implantação de um novo espaço dinamizador do desenvolvimento: o Pólo Petroquímico de Camaçari.

Na década de 60, a verticalização começa a se intensificar em Salvador, particularmente no Corredor da Vitória, Pituba e Avenida Sete. É a fase em que a arquitetura funcionalista dá lugar à arquitetura brutalista caracterizada pela transparência do material utilizado nas formas arquitetônicas, a exemplo do concreto aparente e da parede chapiscada. São dessa época a primeira rodoviária da cidade, em 62, na Sete Portas; a Faculdade de Arquitetura, em 63, na Federação; a Faculdade de Direito, também em 63, no Vale do Canela; o Edifício do Centro Médico da Graça e a Biblioteca Central dos Barris, em 69.

Em meados da década é implantado o sistema *ferry-boat*, ligando Salvador à ilha de Itaparica. Surge a Avenida Paralela, unindo o centro ao Aeroporto Dois de Julho. Com o início dos anos 70, Salvador passa a ter uma nova configuração com a construção das grandes avenidas de vale: Canela, Garibaldi, Nazaré e Centenário. A ligação entre a parte alta e baixa da cidade tem novas alternativas com a construção da Avenida do Contorno e dos túneis Américo Simas e Teodoro Sampaio. A cidade se expande, ganha novos ares, e o centro vai se modificando de forma significativa.

*E nos jardins os urubus passeiam a tarde inteira.
Entre os girassóis*

Caetano Veloso - *Tropicália*

A repressão instalada no país a partir de 64 com a ditadura militar atinge diretamente a cultura que vem a sofrer com o aprofundamento do golpe, em 68. Nesse ano, a Bienal de Artes Plásticas, realizada em Salvador, foi rapidamente fechada devido à proclamação do AI-5. Na ocasião, Juarez Paraíso é preso por declarar que *"a arte é independente"*. Com o golpe de 64/68 a cultura em Salvador, como no resto do Brasil, entra numa profunda crise: o movimento cineclubista decai, e a produção cinematográfica baiana praticamente desaparece nos meados da década; o movimento teatral enfraquece, e a universidade, sob os novos reitores indicados pelos governos militares, deixa de desempenhar seu papel cultural, inclusive para a vida da cidade.

Ao lado da repressão, os governos militares alteram de modo substancial os circuitos culturais da sociedade brasileira, com a criação das condições para a implantação de uma indústria cultural no Brasil que concentra a produção cultural no Rio de Janeiro e em São Paulo, nas redes nacionais de televisão, em especial na Globo.

Esta concentração refaz hábitos, atingindo drasticamente o lazer e a produção cultural regional, antes desenvolvida, com todas as limitações, pelas emissoras de televisão e rádio. Ao lado do cinema, o rádio foi o mais importantes meio de comunicação das décadas de 50 e 60. Suas novelas e programas de auditório eram o maior divertimento de uma grande parcela da população.

Os anos 50 e 60 representam a chegada da modernidade em Salvador. A cidade cresce em termos espaciais e em termos populacionais, alterando de modo acentuado sua estrutura urbana. Com a expansão espacial, a utilização cada vez maior de meios velozes e uma dinâmica econômica, as pessoas passam a viver em outro ritmo de vida. Os bairros vão perdendo o antigo sentido de vizinhança e de vivência comunitária. O cotidiano passa a ser vivido fragmentariamente em espaços diferentes: local de moradia, de trabalho, de serviços, de lazer e de atividades culturais.

A partir dos anos 70, o centro se desanima e perde, inclusive, sua vida noturna. As avenidas e os agora indispensáveis meios de transporte, coletivos ou individuais, passam a ser os elementos de ligação desses ambientes distintos da vida urbana, onde a cultura não mais atua com o mesmo vigor de antes.

NOTAS

- (1) Texto preliminar, produto da pesquisa *Comunicação e Cultura na Bahia dos Anos 50 e 60, em andamento e financiada pelo CNPq.*
- (2) AZEVEDO, José Sergio Gabrielli. In: OLIVEIRA, Francisco. *O elo perdido*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- (3) MATTOSO, Raquel. "As invasões na cidade do Salvador", in: *Cadernos do CEAS*. Salvador, n. 72, 38-50, mar/abr.1981.
- (4) RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Partida Comunista, Cultura e Política Cultural*. São Paulo: USP, 1986 (tese de doutoramento em Sociologia).
- (5)CAPINAM, José Carlos. In: SANTANA, Valdomiro. *Literatura Baiana 1920-1980*. Rio: Philobiblion/INL, 1986.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Maria de Azevedo. "Salvador: por uma disciplina do crescimento horizontal". In: *Alternativas*, Salvador n.1. p.28-36, 1976.
- BRUAND, Yves. *Arquitetura Contemporânea no Brasil*. São Paulo, Perspectiva, p. 145-149.
- MATTOSO, Maria Raquel. "As invasões na cidade do Salvador". In: *Cadernos do CEAS*, Salvador, n.72.
- OLIVEIRA, Francisco. *O elo perdido*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- QUATRO SÉCULOS DE HISTÓRIA DA BAHIA. Salvador: Revista Fiscal da Bahia, 1949.
- SANTANA, Valdomiro. *Literatura baiana 1920-1980*. Rio de Janeiro: Philobiblion/INL, 1986.
- SANTOS, Milton. *O centro da cidade do Salvador*. Salvador, Progresso, 1960. 20 op il.

A TARDE, 12 de outubro de 1982 (edição comemorativa dos 70 anos do jornal).

PESSOAS ENTREVISTADAS

Carlos Nelson Coutinho, ensaísta e professor

Cid Teixeira, historiador e professor

Diógenes Rebouças, arquiteto e professor

Fernando Rocha, jornalista e professor

Florisvaldo Mattos, poeta, jornalista e professor

Francisco de Assis, teatrólogo

Francisco Senna, arquiteto e professor

Guido Araújo, cineasta e professor

Muniz Sodré, ensaísta e professor

Pasqualino Magnavita, arquiteto e professor

Walter Gordilho, engenheiro e professor